

A casa-bola, uma trajetória de vida¹

> Adélia Borges

A insólita esfera poderia parecer uma nave espacial, um óvni ou uma esquisitice temporária. Mas não assusta nem surpreende mais. A casa-bola que o arquiteto Eduardo Longo concluiu há exatamente dez anos² já se incorporou definitivamente à paisagem paulistana. Encravada num dos pontos mais valorizados da cidade – perto do cruzamento das avenidas Europa e Brigadeiro Faria Lima, onde também está o edifício Dacon –, virou um marco de referência na cidade, e até objeto do olhar ao mesmo tempo curioso e tímido de turistas munidos de máquinas fotográficas nos fins de semana.

O que pouca gente conhece é a história que existe por trás da casa – antes, durante e depois. Uma história que vale não apenas por ter gerado um projeto arquitetônico ainda hoje revolucionário, mas também por todas as reflexões que propicia sobre o que é morar bem na cidade grande. Quanto mais espaço, melhor? Quanto mais privacidade, melhor? Quanto mais signos de poder e dinheiro ela contiver, melhor? São essas perguntas e suas rotineiras respostas que Eduardo Longo questiona.

Sua arquitetura reflete sua trajetória de vida, mostrando transformações pessoais profundas em períodos de tempo relativamente curtos. Para facilitar a compreensão do enredo, vamos dividir essa história por momentos.

Primeiro tempo

Formado pelo Mackenzie em 1966, Eduardo começou projetando mansões luxuosas em São Paulo e na praia de Pernambuco, no Guarujá. Logo virou arquiteto de sucesso, figurinha carimbada nas colunas sociais, com muitos clientes e muita badalação.

Resolveu se instalar *comme il faut* e em 1969 comprou um terreno de 10 x 20 metros no Itaim Bibi. Ocupou-o com dois volumes dispostos diagonalmente: sua própria casa, com frente para a rua Amauri, e o escritório, com frente para a rua Peruíbe, ainda sem asfalto. Mudou-se para lá em 1970.

Era uma casa para um homem sozinho, estilo “bom partido”. No térreo ficavam a sala (que era também a garagem para o seu Porsche),

a cozinha e o apartamento para a fiel empregada, Lídia. No primeiro mezanino, quarto e banheiro. No segundo, uma pequena sala com lareira.

O escritório tinha no térreo a garagem, a sala de espera e a sala de desenho, sempre com dois ou três auxiliares. No mezanino, a “sala do chefe”. O analista logo observou como ele separava rigidamente o “espaço de viver” do “espaço de trabalhar”, pois apenas duas portas faziam a ligação entre os blocos. E a namorada da época foi implacável: “Ela dizia que eu tinha feito um teatro para me exhibir. Acho que tinha razão...”.

“Disseram-me que o caminho da felicidade era aquele: ter uma casa bonita, um belo carro esporte, namorar mulheres bonitas, ser famoso. Eu tinha tudo isso, mas minha angústia interna, minha ansiedade só cresciam. Eu era um arquiteto da moda – arquiteto de madame, é claro. Chegou-se ao cúmulo de uma revista publicar uma matéria comparando o príncipe Charles comigo, logo eu, apenas um caboclo em vias de sofisticação. Eu sentia que as pessoas me invejavam e sabia que não tinha todo aquele conteúdo que me atribuíam. As obras que projetava não eram duráveis. Morar numa delas era registrar o desconhecimento projetual quanto a durabilidade, processo construtivo etc. Comecei a criticar minha arquitetura.”

Em 1972, Eduardo entrou na crise dos 30 com uma forte angústia: “Percebi que se atendessem a todos os clientes que me solicitavam, a qualidade do meu trabalho iria cair, eu teria que me tornar um escritório grande, e isso não me interessava. Felizmente tinha dinheiro de família, o que ia fazer era só aumentar a herança”.

No decorrer do ano, dedicou-se particularmente a dois projetos: um edifício de apartamentos, para o qual imaginou uma estrutura metálica na qual seriam “plugadas”, como gavetas, as unidades de moradia; o outro eram casas numa ilha muito escarpada.

“Estava num fim de semana em Ubatuba, desenhando essas casas da ilha, quando comecei a relacioná-las com árvores. O tronco seria a coluna de sustentação e a copa, o volume habitável. De repente percebi que esse volume poderia ser uma esfera, da mesma forma que os apartamen-

1. Texto publicado originalmente na revista *Design & Interiores* 17, dezembro de 1989.

2. A casa foi concluída há 34 anos.



Aos 30 anos, Eduardo Longo sentado na "sala do chefe". Ao fundo, as manchas na parede branca revelam o início da transformação de sua casa-ateliê

At 30, Eduardo Longo seated in the "boss' room". In the background, the stained white walls mark the onset of the transformation of his house-studio

tos do prédio. Essa descoberta veio acompanhada de uma emoção profunda, que perdura até hoje."

"Desse momento em diante, não parei de pensar na esfera e daí dois meses estava fechado para novos clientes. Recusei muitos clientes importantes. Até o fim do ano fui terminando os projetos já começados, fechando o escritório, e me fechei dentro dele para reaprender a vida e o trabalho."

Segundo tempo

Fechado para balanço, fechado balançando, Eduardo caminhou simultaneamente na direção do seu próprio umbigo e da rua. Só aí percebeu que sua atitude de projeto tinha sido a de isolar completamente o exterior. O portão era cego, pintado de preto; não havia sequer uma janela dando para as ruas.

Deu vontade de sair daquele ambiente exclusivo. "Primeiro deixei o portão destrancado, já foi um progresso enorme. Depois entreaberto, com frestas que aumentavam até escancarar. Nessa vontade de me abrir para a rua, um dia 'descobri' o piloti, e pensei que seria uma maravilha se o térreo da cidade fosse todo público e a propriedade privada começasse daí pra cima. Brinquei com meus amigos, dizendo que faria de minha casa uma passagem pública e ia morar em cima. Nesse momento era só um jeito de dizer."

Aos poucos, Eduardo se preparou para abrir sua casa/escritório para as ruas. Foi tirando sofás, almofadas, tapetes, armários, janelas, fiação, livros, discos, e abandonando progressivamente o andar térreo. Chegou ao ponto de tirar a privada e deixar só um buraco no chão.

"O que me norteava era a ideia da bola, um projeto para o apartamento do futuro. Para executá-lo, precisava saber quais seriam os hábitos do futuro, reconsiderar valores. Tinha que repensar tudo, voltar ao macaco para conferir como ele se comportaria se não tivesse toda a carga civilizatória. Evacuaria de cócoras? Eu queria mexer fundo, na merda mesmo, ver o que era preconceito e o que não era. Expurgar, chegar à essência."

Tal como um hippie urbano, com incensos, fumo, música clássica e sandália havaiana, Eduardo entrou em autoanálise, escrevendo sem parar, textos sobre pai, mãe, religião, sexo. Imaginando-se guiado por uma força superior, pintou aleatoriamente todas as paredes da casa. Eram pinturas abstratas, uma mão em cima da outra, usando algodão, pincel, pano. Um dia não resistiu e pintou de vermelho seu ex-grande objeto de fetiche, o Porsche, e deixou o carro sem pneus, apoiado em pilhas de revistas, com plantas dentro. Os amigos tiveram a certeza de que ele enlouquecera de vez.

Um mês na cama, com hepatite, lhe propiciou o passo seguinte. Pintou tudo de verde-militar, até o carro. O verde era a disciplina, o fim da euforia, a vontade de ordenar tudo. Passou a quebrar paredes, fazendo a “arquitetura da supressão”: “Eu já tinha construído várias casas, mas nunca tinha pegado num tijolo. Era tão ignorante em relação à construção, que comecei a furar a parede na altura de uma coluna. Foi difícil!” Um pedreiro veio ajudar e rapidamente derrubou as paredes do térreo. Eduardo já tinha certeza de como queria reocupar seu espaço de vida/trabalho, agora integrado.

Terceiro tempo

A remodelação significou uma grande redução de área. Se antes ele tinha 200 metros quadrados, passou a ocupar 42 metros quadrados, transformando a ex-sala do chefe em casa, com sala, quarto, banheiro, cozinha e área de serviço – tudo, evidentemente, com pequenas dimensões. O térreo foi ocupado apenas com um jardim que poderia ser considerado semipúblico, já que tinha passagens abertas, embora não muito evidentes.

Eduardo também decidiu que estava na hora de concretizar sua ideia de esfera, fazer um protótipo para ver como é que a coisa ia funcionar. Examinadas várias possibilidades de terreno, deu um estalo: “Por que não fazer em cima da minha casa?”

Foi um achado, porque o processo construtivo levou quase seis anos e, se Eduardo o tivesse realizado em outro lugar, talvez não conseguisse chegar até o fim. Foram anos de muito trabalho, começar tudo do zero, pesquisar todos os detalhes e executá-los literalmente com as mãos.

Ao mesmo tempo, fazia outros projetos para sobreviver e cuidava da família. A essa altura, não estava mais sozinho. No dia em que tinham vindo retirar o entulho das paredes derrubadas, ele conhecera Suzana, que se incorporou a sua aventura. Logo veio o primeiro filho, Lucas, em 1974, e Elena (“sem agá, para eliminar o supérfluo”), em 1975. A casa de 42 metros quadrados ganhou um mezanino para acomodar as crianças. “É claro que era apertado. Vivíamos os quatro aqui e mais a empregada. Um fogãozinho de duas bocas servia para ferver fraldas e cozinhar.”

Eduardo nem sequer chegou a pedir licença à prefeitura para construir a bola, porque sua ideia era realizar uma maquete que depois seria jogada fora, fechada com lona ou tábuas de

obra. Pensou inicialmente em fazê-la com cinco metros de raio, mas o tamanho do terreno não permitia. Em 1974, a estrutura estava pronta, composta de tubos metálicos ocos, dispostos sob a forma de meridianos e paralelos, e com quatro metros de raio. Acabou se decidindo pela argamassa armada, com dois centímetros de espessura, para a vedação externa.

A ideia inicial era fazer uma casa mais livre, sem paredes ou divisões. No processo, percebeu que se tornaria difícil propor simultaneamente uma forma nova para um estilo de vida também novo. Resolveu então reproduzir o tipo de apartamento mais procurado pelas imobiliárias, com suítes, lavabo social, quarto de empregada etc., num esquema de vida bem convencional.

O desafio foi efetuar isso de forma absolutamente não convencional, de modo que cada peça colocada ali dentro pudesse ser feita por ele próprio, ainda na busca da essência. “Minha intenção foi examinar todos os elementos de uma casa, fazer perguntas: o que é uma pia, um puxador de portas, um sofá? A pesquisa era muito pragmática. Eu não tinha ideia de como era um vaso sanitário por dentro. Comprei um numa demolição e quebrei, para construir o meu, incluindo o sistema de descarga.” A pesquisa buscava conceituar cada elemento do mobiliário, atendendo com simplicidade suas funções mais importantes.

“Meu sonho era ter um grande molde onde pudesse ser injetado um material único, para fazer a casa com uma injeção só de um material polivalente. Acho que esse material é o plástico, é possível pensar dessa forma ainda. Eu pesquisava uma coisa de máxima industrialização, fazendo-a artesanalmente.”

Nesse processo integrado entre o pensar e o fazer, várias tentativas de materiais e acabamento foram ocorrendo. Não havia um projeto anterior à construção, apenas alguns esboços. As mãos do arquiteto foram as ferramentas decisivas na obra e seu próprio corpo servia como medida para as dimensões que iam sendo definidas empiricamente, intuitivamente. É claro que muita gente ainda duvidava do que ia resultar de toda essa “viagem”.

Quarto tempo

Finalmente, a casa foi concluída em 1979. O resultado surpreendeu. Eram cem metros quadrados de piso divididos em sala de estar (o compartimento mais amplo), lavabo, três quartos com banheiros, sala de jantar, cozinha, quarto



de empregada e lavanderia. Embora em pequenas dimensões para os padrões brasileiros, a casa transmitia um grande prazer visual e tátil aos visitantes, como apontam inúmeras reportagens publicadas pela imprensa.

Numa delas, a arquiteta Ermínia Maricato, hoje secretária da Habitação do município de São Paulo, escrevia na revista *Projeto*: “Quem julga que o espaço interno é opressivo se engana. Além das dimensões bastante confortáveis para a escala humana, contribuem para a sensação de conforto e aconchego a suavização dos ângulos todos arredondados, a cor clara e a textura lisa da massa corrida que recobrem igualmente as superfícies dos tetos, pisos, paredes e mobiliário”. Ermínia também chamava a atenção para “a suavidade e sensualidade das formas internas” e para “a relação de proximidade e de organicidade que se estabelece entre o usuário e a casa”.

O mobiliário, em sua maior parte moldado manualmente em argamassa armada, estava totalmente integrado à edificação. Vasos sanitários, pias, armários, camas “nascem” das paredes, e em muitos casos deixam de ter suportes no chão, o que também possibilitou economia de área.

Eduardo gostou particularmente da solução que deu à geladeira: “Separei o armário, a câmara, do sistema de refrigeração. Isto é, o motor e o compressor ficam na lavadeira, meio piso abaixo da cozinha, e o ar quente que eles produzem ajuda a secar a roupa”. Ele cita também os puxadores das portas, reduzidos a buracos inclinados nas portas, de maneira que se pode abri-las com os dedos. “Essa solução é interessante

pela simplicidade e por dispensar ferragens, se bem que não substitui com a mesma eficiência uma fechadura convencional.”

Estranhamente, o projeto não recebeu nenhum prêmio ou menção em concursos. Mas o importante feedback da família estava garantido: “Quando as obras terminaram, os maiores entusiastas foram Suzana e meu pai, justamente os que mais tinham criticado durante a construção. Mudamos para lá, as crianças gostaram demais. Meu pai até encomendou um casa-bola para ele no Morumbi”. A obra desse segundo projeto foi concluída em 1983, resultando numa casa que o arquiteto considera melhor, mais bem-feita e com maior preocupação estética na concepção da fachada do que a do Itaim.

Quinto tempo

Nas idas e voltas da vida, Eduardo foi morar sozinho na bola do Morumbi. Depois foi para o exterior, alugando a bola do Itaim para sucessivos inquilinos e a do Morumbi para o publicitário Washington Olivetto. Voltou para o Itaim no início de 1989, para trabalhar e viver sozinho nos mesmos 42 metros quadrados onde estava quando os filhos nasceram, enquanto reforma a bola.

Sozinho é modo de dizer, pois tem a companhia constante dos inquilinos que convivem no espaço sob a bola em 12 atividades diversificadas, como pequenas lojas (de canetas, de molduras, de gravuras), um pequeno restaurante (quicheria), um balcão de sucos naturais, dois estúdios e a casa do zelador. “É um cortiço”, diz Eduardo, explicando que já há alguns anos vem pondo em prática sua intenção de ter estabeleci-

A casa original, voltada para a rua Amauri, era pintada de branco, com o portão preto. Voltado para a rua Peruíbe (do lado oposto), ficava o escritório. O Porsche dividia espaço com plantas e móveis. Manchas documentam o começo da transformação

The original house, facing Amauri Street, used to be painted white with a black gate; the office was open on Peruíbe Street (on the opposite side); in the house, the Porsche used to share the space with plants and furniture; stains mark the onset of the transformations



Depois das pinturas abstratas e da hepatite, Longo pintou tudo de verde-militar, por dentro e por fora. Nem mesmo o Porsche e as obras de arte escaparam. A gravidez de Suzana mudou a rotina da casa. A chegada dos primeiros arcos metálicos é o início da bola, inicialmente um experimento, "uma maquete", imaginava Longo

After the abstract paintings and bout of hepatitis, Longo painted everything inside and out in military tones. Not even the Porsche and artwork were spared. Suzana's pregnancy changed the routine of the house. The arrival of the first metal arches announced the beginning of the Ball, which should have been only an experiment, "a maquette", thought Longo.

mentos comerciais e uma passagem pública no térreo, no primeiro andar serviços e mais acima a habitação, "um microurbanismo".

O arquiteto acha que está melhor ali do que nunca, "tem até espaço sobrando". Gosta de ter convívio social sem precisar se deslocar, com pessoas que trabalham ou passam por ali. E, mesmo sem ter empregada doméstica ou secretária, observa que sua vida ficou mais fácil. Atende diretamente aos telefonemas dos clientes; não precisa cozinhar em casa, basta descer e almoçar em sua ex-sala de visitas, atual quicheira, em cujas mesinhas ao ar livre faz reuniões e bate papo com os amigos.

"Tenho um estilo de vida muito particular no momento, bem anticonsumista. Tenho possibilidade de convívio com pessoas sem precisar me deslocar. A vida e o trabalho ficaram exatamente a mesma coisa. Tenho procurado o que seria eliminável como produção nesse estágio ainda um pouco adolescente da sociedade industrial, o que são hábitos a dispensar e o que são hábitos a preservar. Tenho procurado uma média onde os ricos ocupem menos espaço e desperdicem menos produtos, a fim de que a sociedade seja menos aterrizante. É por egoísmo que quero que a sociedade seja melhor, porque quero sair na rua sem culpa, sem feiura."

Essa postura de vida lhe permite tempo e paz interior para continuar perseguindo utopias no exercício de sua profissão. Além de projetos sempre pouco convencionais para clientes (um deles, de reforma de um apartamento, foi publicado recentemente pela revista italiana Domus), Eduardo desenvolve no momento outros projetos que se complementam.

Um deles é construir uma bola de vidro para uso público, "um lugar onde as pessoas possam se reunir para palestras, exposições ou para simples apreciação". A novidade é que ela seria construída acima de uma rua, com a intenção de despertar uma discussão sobre o uso das vias e espaços públicos. O arquiteto já está em conversações, que considera "muito favoráveis", com a prefeitura para a implantação desse projeto, no qual pretende utilizar todos os conhecimentos técnicos que vem acumulando nos últimos anos, em pesquisas feitas no Brasil e no exterior, voltadas sobretudo para a tecnologia construtiva.

O outro projeto no qual Eduardo Longo trabalha atualmente envolve o anterior mas o ultrapassa, atingindo a escala urbanística. Preocupado com o futuro da cidade imensa e espalhada como São Paulo, ele estuda formas de criar o que chama de bairros pulmonares, um microuniverso autossuficiente, de grande densidade populacional e ao mesmo tempo com grande capacidade renovadora de ar. Esse projeto é amplo e merece uma outra matéria, mas em linhas gerais pressupõe o uso do espaço acima das ruas para edifícios habitacionais verticais e longitudinais e o espaço acima dos terrenos para jardins e atividades de uso comunitário.

Admite que essa ideia ainda tem muito o que caminhar em termos de técnica construtiva e viabilidade econômico-empresarial. Mas, para quem dedicou seis anos quase que exclusivamente à construção de uma casa-bola que parecia impossível de sair do papel, ou da cabeça, obstinação ele já provou que tem de sobra, na prática do livre pensar e do livre fazer. ■



The ball-house, a life trajectory¹

> Adélia Borges

The strange sphere could be mistaken for a spaceship, a UFO or a temporary oddity. It no longer frightens or surprises. The ball-house that architect Eduardo Longo finished exactly ten years ago² has definitely incorporated itself into the landscape of São Paulo. Set in one of the most exclusive parts of the city – in close proximity to the crossroad between Europa and Brigadeiro Faria Lima avenues, where the Dacon building is also located –, it has become a reference point as well as the object of the tourists' curious and shy gazes; they visit over the weekend armed with their cameras.

Few people know this project's backstory – before, during and after. A story that matters not only because of the architectural design that remains revolutionary to this day, but also due to the reflections it arouses *vis-à-vis* the matter of dwelling comfortably within the big city. The more space, the better? The more privacy, the better? The more content that indicates power and wealth, the better? These queries and their usual responses are what Eduardo Longo questions.

His architecture reflects his life trajectory, displaying profound personal transformations within relatively short time periods. To facilitate the understanding of the storyline, we shall break it down to its defining moments.

First moment

Having graduated from Mackenzie in 1966,

Eduardo began designing luxurious mansions in São Paulo and on Pernambuco beach in Guarujá. He soon became a successful architect, featured in social columns, with many clients and much fanfare.

He resolved to establish himself *comme il faut* and in 1969 he bought a 10 × 20 meter lot in Itaim Bibi. He occupied it with two volumes, placed diagonally: his own home, facing Amauri Street, and the office on Peruíbe, which had yet to be asphalted. He moved there in 1970.

It was a house fit for a bachelor, the eligible type. On the ground floor were located the living room (which also doubled as a garage for his Porsche), the kitchen and Lúcia the loyal maid's apartment. On the first mezzanine were the bedroom and bathroom. On the second, a small room with a fireplace.

The office contained on its ground floor: the garage, the waiting room and the drawing room, always occupied by two or three helpers. On the mezzanine was located the "office of the boss." The analyst promptly observed how he separated rigidly the "dwelling area" from the "working area," as only two doors join the blocks. His girlfriend at the time had been unrelenting: "She said I had created a theater to showcase myself. I think she was right..."

"They told me that the path to happiness was exactly that: having a beautiful home, a beautiful sport car, dating beautiful women, fame. I had it all, but my internal anguish, my

1. Text originally published in *Design & Interiores* magazine #17, December 1989.

2. The house was completed 34 years ago.

Em 1974, os montadores da estrutura metálica de tubos ocos, que delimitou o volume, posam em cima da bola

In 1974, the assemblers of the structure made with hollow metal tubes, which delimited the volume, pose on top of the ball.



anxiety, only grew. I was a fashionable architect – the architect of socialites, clearly. It got to a point where I was compared to Prince Charles by a magazine, me, a lowly mestizo on a path to sophistication. I felt that people envied me and I knew that I did not possess all the qualities attributed to me. The works I designed were not durable. To dwell in one of them was a sign of unfamiliarity with design, in regard to durability, the constructive processes, etc. I began to criticize my architecture.”

In 1972, at the age of 30, Eduardo entered an anguishing life crisis: “I realized that if I met everything that was expected of me by my clients, the quality of my work would decline, I would have to become a large outfit, this did not interest me. Fortunately I had family money; I would simply be augmenting the fortune.”

During the course of the year, he dedicated himself particularly to two projects: an apartment building, for which he imagined a metallic structure where the units would be “inserted in,” like drawers; the other was the houses located on a steeply sloping island.

“I was spending a weekend in Ubatuba, drawing the houses for the island, when I came to see them as trees. The trunk would be the support column and the crown, the habitable volume. I then suddenly realized that this volume could be a sphere, the same as with the apartments of the building. This discovery came together with a profound emotion that still accompanies me to this day.”

“From this moment on, I could not stop thinking of the sphere and, two months later, I stopped taking on new clients. I declined many important projects. By the end of the year I had

finished the ongoing projects, I then shut it down and locked myself inside to learn about life and work anew.”

Second moment

Closed down for a revamp and hanging in the balance, Eduardo looked simultaneously inside himself and to the outside world. Only then did he realize that his approach intentionally shunned the external. The gateway was locked shut, painted black; not a single window gave to the street.

It stirred up within him a desire to leave that type of exclusive environment. “First I left the gate unlocked – it was already an enormous step; later, it was left ajar, and the gap increased until it was fully open. With this desire to open up to the street, one day I ‘discovered’ pilotis, and thought that it would be wonderful if the city grounds were public and the private property would begin one level above. I joked with my friends, saying that I would turn my property into a public way and live over it. At this point it was just a figure of speech.”

Gradually, Eduardo prepared himself to open his home/office to the streets. He removed sofas, cushions, carpets, cabinets, windows, wiring, books, records, and progressively vacated the ground floor. He got to the point of removing the toilet and leaving only a hole in the floor.

“What set me in the right direction was the idea of the ball, the apartment of the future. To execute it, I needed to know what the habits of the future would be like, reconsider values. Everything had to be rethought; a return to a monkey state in order to learn how it behaves without the full brunt of the civilized world. Would it squat to evacuate? I wanted to dig deep into

the cesspit, to see what preconception was and was not. Purge, arrive at the essence.”

Like a hipster, with incenses, something to smoke, classical music and havaiana sandals, Eduardo began a self-assessment, writing non-stop texts about his father, mother, religion, sex. Imagining himself being guided by a greater power, he painted randomly on every single wall of the house. They were abstract paintings, layer upon layer, using cotton, a paintbrush or cloth. One day he could no longer resist and painted red the former object of his fetish, the Porsche, mounted without tires on piles of magazines and with plants inside. His friends were sure he had finally gone bananas.

The month he spent in bed with hepatitis allowed him to move on to the next step. He painted everything in military olive, even the car. The green represented discipline, the end of euphoria, the will to organize everything. He started taking down walls, undertaking an “architecture of suppression”: “I had already built several houses, but I never touched a brick. I was so clueless regarding construction that I started making a hole in the wall right next to a column. It was extremely difficult!” A mason came to give him a hand and he quickly took down the walls on the ground floor. Eduardo was already certain as to how he wanted to reoccupy his living/work space, now integrated.

Third moment

Remodeling meant a large reduction in area. While it used to possess 200 square meters, it now occupied 42, transforming the former boss’ office into a home, with a living room, bedroom, bathroom, kitchen and service area – everything, evidently, with reduced dimensions. The ground floor was taken up only by a garden that would be considered semi-public as it already possessed open passages, albeit not very evident.

Eduardo also decided that the time had come to bring to fruition his sphere idea, construct a prototype to see how things would operate. After looking over several terrain possibilities, something clicked: “Why not make it on top of my house?”

It was quite the finding as the constructive process took almost six years and, if Eduardo had undertaken it in another place, maybe he would not have reached the end. It was years of hard work, everything from scratch, researching all the details and executing them by hand, literally.

At the same time, he was doing other projects to survive and he took care of his family. At that point he was no longer alone. On the day that he had come to remove the debris left over from the felled walls, he made Suzana’s acquaintance; she subsequently entered his adventure. Soon came the first child, Lucas, in 1974, and Elena (“without the H, to eliminate the superfluous”), in 1975. The house of 42 square meters gained a mezzanine to accommodate the children. “It was clearly tight. All four of us lived here and the maid also. A little two burner stove was used to boil diapers and cook.”

Eduardo never even got around to asking for a permit from city hall to build the ball, because his idea was to make a maquette then throw it away, close it off with tarps or planks. He initially thought about giving it a five meter radius, but the size of the lot did not allow it. In 1974, the structure was ready, composed of hollow metallic pipes, set as meridians and parallels and possessing a four meter radius. He ended up deciding on the reinforced mortar, with a two centimeter thickness, for the external covering.

The initial idea was to make an open home, without walls or divisions. During the process, he realized that it would become difficult to propose a new form for a new lifestyle. He decided to reproduce the more sought after apartment style: with suites, guest bathroom, maid’s room etc., within a conventional way of life.

The challenge was to perform this in an absolutely unconventional manner, in a manner that each piece placed inside could be made by him, while still searching for the essence. “My intention was to examine all the elements of a house, ask questions: what is a sink, a door handle, a sofa? The research was very pragmatic. I had no idea what a toilet bowl looked like on the inside. I bought one from a demolition and broke it apart, to build my own, including the flushing system.” The research sought to conceptualize each element of the furniture, seeking to find the simplicity of its most important functions.

“My dream was to have a big mold where a sole material could be injected, to make the house with only the injection of a polyvalent material. I think the material in question is plastic; it is still possible to think this way. I was looking for something that could be manufactured industrially while making it by hand.”

In this integrated process between thinking and doing, several attempts at materials and finishing were undertaken. There was no project prior to construction, only some sketches. The architect's hands were the decisive tools in the work and his body served as a measurement for the dimensions which would be defined empirically, intuitively. It is clear that a great many people still doubted what would result from this entire "trip."

Forth moment

Finally, the house was concluded in 1979. The result was a surprise. One hundred square meters of floor space were divided into a living room (the larger compartment), washroom, three bedrooms with bathrooms, a dining room, a kitchen, a maid's room and a laundry area. Although smaller than the Brazilian standard, the house transmitted a great deal of visual and tactile pleasure to visitors, as pointed out by countless reports published by the press.

In one of them, architect Ermínia Maricato, currently the secretary of housing for the municipality of São Paulo, wrote in *Projeto* magazine: "Those who believe that the available internal space is oppressive are mistaken. In addition to the dimensions, which are quite comfortable on a human scale, there is a sense of comfort and coziness in the smoothness of the rounded angles, the light hue and smooth texture of the plaster that covers equally the surfaces of the ceilings, floors, walls and furniture." Ermínia also called attention to "the softness and sensuality of the internal shapes" and to "the relationship of proximity and bonding that is established between the user and the house."

The furniture, which in great majority is molded manually and made of reinforced mortar, was entirely integrated with the building. Toilets, sinks, cabinets, beds "emerge" from the walls and, in many cases, have no supports on the floor, resulting in an economy of space.

Eduardo particularly enjoyed the solution that he created for the refrigerator: "I separated the cabinet from the refrigeration system. That is, the motor and compressor are located in the laundry room, half a floor below the kitchen, and the hot air that they produce helps to dry the clothes." He also cites the door handles, reduced to inclined holes on the doors, in a manner that permits them to be open with fingers." This solution is interesting due to its simplicity

and because it does away with hardware, although it does not compare in efficiency to conventional locks."

Strangely, the project has not received any prizes or mentions in competitions. However, the important feedback from the family was guaranteed: "When the work ended, the biggest enthusiasts were Suzana and my father, precisely those who had criticized me most during the construction. We moved there, the children loved it. My father even commissioned one in Morumbi." This second project was completed in 1983, resulting in a house that the architect deems better, increasingly well-made and with greater concern for aesthetics *vis-à-vis* the conception of the façade compared to the one in Itaim.

Fifth moment

In the goings and comings of life, Eduardo went on to live alone in the Morumbi ball. Then he went abroad, renting the Itaim ball out to successive tenants and the one in Morumbi to publicist Washington Olivetto. He came back to Itaim in early 1989, to work and live alone in the same 42 square meters where he was when his children were born, while he renovated the ball.

He was alone, figuratively speaking, as he had the constant companionship of the tenants who occupied the area under the ball with 12 different activities, such as small shops (of pens, frames, engravings), a small quiche restaurant, a natural juice stand, two studios and the groundskeeper's house. "It is packed," says Eduardo, explaining that he has been, for some years, putting into practice his intention of having commercial establishments and a public way on the ground floor, services on the first floor and dwelling on top, "a micro-urban nucleus."

The architect believes he is better off there than anywhere else, "there is even space left over." He enjoys having social interaction without the need to go out, with people who work or pass through. And, even without a maid or secretary, he notices that his life became easier. He answers the phone calls of his clients directly; he does not need to cook at home, he simply goes downstairs and has a meal in his former living room, which is currently occupied by the quiche restaurant; its little outdoor tables serve for business meetings and chats with friends.

"I have a very particular lifestyle at the moment, very anti-consumerist. I can be around people without the need to go somewhere else.

Life and work remain exactly the same. I sought out what could be excised in the production of this somewhat adolescent stage in industrial society, which habits ought to be preserved and which are to be discarded. I have been looking for a medium where the wealthy occupy less space and reduce waste so society can be less nightmarish. It is a selfish desire for a better society, because I want to go out on the street, without guilt, without ugliness."

This life attitude allows him time and inner peace to keep on chasing utopias while exercising his profession. In addition to the not so conventional projects of his clients (one of them, the renovation of an apartment, was recently published in the Italian magazine *Domus*), Eduardo is developing at the moment other projects that complement themselves.

One is a public use glass ball, "a place where people can gather for lectures, exhibitions or simple contemplation." The novelty is the fact that it would be built above a street, with the intention of awakening a discussion regarding the use of public roads and spaces. The architect has been holding conversations, which he deems "very favorable," with city hall for the implementation of this project, in which he intends to use all the technical knowledge he has been accumulating over the years, via research held in Brazil and abroad, regarding mainly building technology.

The other project Eduardo Longo is currently working on encompasses the first but goes beyond, reaching the urban scale. Preoccupied with the future of an immense and scattered city such as São Paulo, he studies ways of creating what he calls pulmonary neighborhoods, a self-sufficient micro-universe, with a great population density and at the same time with a great capacity to renew the air. This project is broad and deserves another article, in a nutshell, it assumes that spaces above streets can be occupied by vertical and longitudinal residential buildings and the space on the ground can be utilized for gardens and communal use.

He admits that this idea still has a long way to go in terms of building techniques and economic-business viability. But, for one who has dedicated six years almost exclusively to the construction of a ball-house, that would almost assuredly never see the light of day, or go beyond imagination, obstinacy is in abundant reserve for the practice of free thinking and execution. ■



O quarto principal, com a cama delimitada. A circunferência fechada cresceu junto com o primeiro filho do arquiteto, Lucas. Zé da Bola, que fez a manutenção da residência durante muitos anos, pinta a casa de azul. O térreo da antiga casa e do escritório foram abertos ao público – batizado de Passagem da Bola, o vão interligava as duas ruas e abrigava pequenos estabelecimentos comerciais

The master bedroom, with the bed marked out. The closed circumference grew with the architect's first son, Lucas. Zé da Bola, who has been doing the maintenance on the Ball for many years, paints the house blue. The ground floor of the prior home and office were open to the public – dubbed the "Ball Passageway", the space interconnected both streets and is home to small businesses.